

# ESPAÇO, ENCONTRO E LEGADO – LIMA BARRETO E OSMAN LINS EM DIÁLOGO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i37p14-29>

**Andrea Saad Hossne**

## RESUMO

O artigo pretende abordar como a leitura da obra de Lima Barreto por Osman Lins, além de revelar grande afinidade entre os escritores em vários aspectos literários e de visão de mundo, despertou também no pesquisador e professor o empenho na compreensão do espaço na literatura, levando, assim, não apenas a uma compreensão sensível da obra de Lima Barreto (um primeiro legado), mas também à formulação de uma perspectiva teórica acerca do Espaço como categoria literária, que ilumina tanto a obra de Lima Barreto e a do próprio Osman Lins, quanto fornece uma elaboração brasileira sobre essa categoria que transcende a obra de ambos, e até os dias de hoje permite aos estudiosos uma incursão profícua nos estudos que implicam essa categoria literária, qualquer que seja a obra abordada (um segundo legado).

**PALAVRAS-CHAVE:** Osman Lins; Lima Barreto; espaço literário; narrativa.

## ABSTRACT

*This paper aims an approach to the critical reading of the Lima Barreto's novels by the writer Osman Lins, which reveals great affinity between theirs works. Also, it intends to understand how this contact leads Osman Lins, as a researcher and a teacher, to the endeavour to understand Literary Space. This understanding provides a double legacy: a sensitive reading of Lima Barreto's work (first one) and a proposition of theoretical perspective about Space, as literary category, created in Brazil. This theory has been fruitful in literary studies in general (the second legacy).*

**KEYWORDS:** Osman Lins; Lima Barreto; literary space; narrative

“O nosso granito vetusto, tão velho quanto a terra, sobre a qual repousa a cidade, capricha em querer o frágil, o pouco duradouro.” (p.37)

“A gravidade de pensamento que todo esse espetáculo provoca e as lembranças históricas que acodem, fazem perguntar se a terra que não tem querido guardar na sua grandeza traços das vidas e das almas que por elas têm passado, ainda desta vez, não consentirá que fiquem vestígios, pegadas, impressões das atuais que, nela, hoje, sofrem e mergulham, a seu modo, no Mistério que nos cerca, para esquecê-las soturnamente; e pensa-se isto sob a luz do sol, alegre, clara, forte e alta, que recorta no céu azul as montanhas que se alongam para tocá-lo, tal como se vê nesse lugar de Inhaúma, antiga aldeia de índios, a serra dos Órgãos, solene, soberba...” (p.40)

Lima Barreto – “O moleque”.

**O**s dois excertos em epígrafe integram um conto de Lima Barreto (1956a), publicado no volume *Histórias e sonhos*, em 1920. Nele, o narrador, ao modo de uma câmera, aberta para a amplitude de tempo e espaço, traz de início a geologia e a vegetação do Rio de Janeiro, para ir, aos poucos, lentamente, estreitando seu foco, de uma pré-história sem registro aos vários registros do erigir da cidade em momentos históricos diversos, que vão das ancestrais aldeias indígenas ao subúrbio de Inhaúma no início do século XX, cujo nome é, ele próprio, vestígio histórico e marca no espaço natural e social. A religiosidade, a sociabilidade, o cotidiano de Inhaúma vão se revelando diante da lente até o ponto em que o foco se apura e se concentra: o pequeno menino negro a que o título do conto faz a pejorativa referência. E é aí que um episódio de racismo e a reação da criança ocuparão

o centro de uma ação insuspeitada e já iniciada muito antes, com a narrativa e descrição do espaço, que é também a da formação do Brasil.<sup>1</sup>

Esse movimento, em que espaço, tempo – inclusive no sentido de História – e personagem se desenham mutuamente, implicados uns nos outros de maneira inextrincável, é a matéria de que se ocupa Osman Lins na tese que tem por objeto os romances de Lima Barreto.

Se, na dimensão do enquadramento miúdo de parágrafos num conto, esse movimento pode ser percebido, é na esfera bem mais ampla, do conjunto dos romances do autor, que Osman Lins não apenas capta o procedimento barretiano, como ainda destaca sua singularidade e suas variações, investiga a sua função constitutiva na poética do autor, os liames e traços que congregam temas e motivos, revelando e refazendo relações internas ao conjunto da obra que apontam para o âmbito mais profundo das inquietações do escritor.

A percepção aguda de Osman Lins sobre a função do espaço na obra barretiana só é possível pela análise cuidadosa, atenta, pelo cultivo de uma intimidade profunda com o texto. Essa análise, por sua vez, permite-lhe ir além da tópica comum na fortuna crítica do autor acerca das inegáveis relações entre seu projeto crítico e militante, sua precisa compreensão das desigualdades sociais e raciais no Brasil, e a presença incontornável do espaço social nas suas narrativas. Lins o faz num duplo movimento. Num primeiro passo, supera as ressalvas da crítica de primeira hora, contemporânea ao próprio Lima Barreto, que lia em sua obra uma feição do ressentido, uma invasão indevida do biográfico, um suposto pouco apuro formal, que lhe valeram o veredito de “quase” grande escritor. Num segundo passo, sem rejeitar a fecunda via de resgate da obra, contemporânea a si

---

<sup>1</sup> Neste artigo, restrinjo-me a esse apontamento, que propicia uma aproximação à leitura de Osman Lins do conjunto da obra de Lima Barreto. A análise mais aprofundada do conto apresentei em outra parte, como capítulo, “Brasil em Formação: “O Moleque”, de Lima Barreto”, do livro *Ficção: leitores e leituras* (HOSSNE, 2001).

próprio na década de 1970, marcada, sobretudo, pelo reconhecimento do pioneirismo e da qualidade de sua luta, literária e existencial, contra o racismo e a desigualdade brasileira, Osman Lins não se reduz apenas a ela.

À primeira, Lins responde com sua análise fina, atenta, minuciosa da escrita do autor, onde reconhecidamente o Espaço é central. A segunda o escritor complementa ao não reduzir a categoria Espaço nem a uma visão corrente sobre “espaço social”, nem tão somente ao espaço social em si.

Ao tratar a obra de Lima Barreto fora do enquadramento deletério de uma suposta desatenção formal, e, igualmente, fora da verdadeira, mas restrita, ainda que elogiosa, dimensão do projeto político-social que norteia o estético, Osman Lins proporciona uma outra via para a investigação acerca do lugar de Lima Barreto na literatura brasileira.

Assim, ao perceber a importância e singularidade da categoria Espaço na obra de Lima Barreto, é também o Espaço desse escritor entre nós o que está contemplado. Um primeiro legado resta, portanto, desse encontro entre os dois escritores, marcado pelo gesto do duplo resgate – do espaço *na* obra e do espaço *da* obra de Lima Barreto.

Osman Lins tinha plena consciência do movimento à contrapelo que empreendia:

O leitor familiarizado com a imagem de um Lima Barreto escritor político, afeito às assertivas corajosas, ligado aos homens, interessado em depor sobre o seu tempo e assumindo, em face da sociedade, uma posição atuante, inclinar-se-á, talvez, a recusar o vulto desvendado em parte pela nossa análise: mais que político, metafísico; trespassado de dúvidas; transitando no mundo como um estranho; e, principalmente, desconfiado da ação. (LINS, 1976a, p.49)

Se é outro o vulto que se desvenda, é também, como dito anteriormente, outro o modo como Lins enxerga a poética de Lima Barreto,

num concerto singular entre espaço, personagem, e o persistente tema do insulamento, desdobrado no da impermanência, da deterioração e no da vacuidade da ação.

A debilitação dos laços entre um ser e outro, seu isolamento difuso e invencível, a decorrente natureza destas fábulas, nas quais, sem que se dissolvam os dramas pessoais, é flagrante a ausência de conflito (que se desloca do plano interpessoal, configurando uma antinomia mais ou menos violenta entre o homem e o seu meio), tudo se concilia, significativamente, com o interesse das personagens de Lima Barreto pelas coisas, interesse que manifestam através de atitudes aparentemente opostas – a contemplação e a compulsão deambulatória –, transformando os seus romances, invadidos pelo aspecto do espaço – espaço natural, citadino, social – em matéria privilegiada para o estudo desse elemento constitutivo tão ligado ao tempo, entretanto menos analisado e em direção ao qual, desde o início, nos conduz a presente investigação. (Idem, p.61).

Se o trecho aponta para o privilegiado mirante que o romance barretiano pode ser para a incursão acerca do Espaço na narrativa, a nota de pé de página, de número 25, que a ele se segue, ressalta que o movimento generalizante de que costuma se revestir a empreitada teórica nem por isso elide a especificidade da obra do escritor em análise:

Parece-me desnecessário acrescentar que, numa zona mais profunda, isto vai coincidir com a posição crítica assumida pelo escritor, conscientemente, em face da sociedade. [...] Buscava também ele, no espaço dos geômetras, “un peu de son assise et de sa stabilité”<sup>2</sup> (Idem)

Encontram-se aqui, entrelaçadas, duas linhas mestras da leitura osmaniana da obra de Lima Barreto. A primeira, de cunho metodológico,

---

<sup>2</sup> A citação em francês é proveniente do livro *Figures* de Gérard Genette (1996, p.101). Completa, é a seguinte: *[l'homme étant] « livré à l'absurde et au déchirement, il se rassure en projetant sa pensée sur les choses, en reconstruisant des plans et des figures qui empruntent à l'espace des géomètres un peu de son assise et de sa stabilité ».*

confronta o geral e o específico. A segunda, de cunho analítico-interpretativo, persegue o fio que atravessa a obra do autor: as experiências da instabilidade e do isolamento. É esse fio que entretece o cerne da leitura de Osman Lins e a passagem do conto “O moleque” que epigrafa este artigo, espécie de sombreado, como a reforçar a interpretação que um escritor propôs sobre o que o antecedeu.

A ideia do que não perdura e a imagem do insulamento não apenas permeiam os romances de Lima Barreto, como lhes conferem a particularidade dos procedimentos vinculados à categoria do Espaço.

Para compreender como as linhas mestras e o fio constituem a tessitura mesma da tese de doutorado de Osman Lins, *Lima Barreto e o espaço romanesco*, desenvolvida na USP, sob orientação de Alfredo Bosi, defendida e publicada em 1976, há que se acompanhar sua estruturação. É o que se segue.

\*\*\*

O livro parte de uma visão geral sobre Lima Barreto, o escritor e o romancista (capítulos I e II), recorrendo a pontos reiterados em sua fortuna crítica, como a questão da presença biográfica do escritor na obra e a problemática envolvendo o modo como a ação é nela tratada, contrastando-os a um primeiro delineamento da proposição sobre o insulamento como tema fundamental do autor.

Estabelecido o ponto de partida, a tese passa aos romances propriamente ditos, separando-os menos pela cronologia de publicação do que por uma espécie de constelação que formam sob a perspectiva das relações entre ação e espaço, espaço e personagem, e o que Lins nomeou como “projeções do tema do insulamento”. O alinhamento central é o que aproxima, sem desconhecer as especificidades, as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A essa espécie de núcleo estruturante do conjunto da obra se aproximam ou se distinguem, em variados graus, *Numa e a Ninfa*, *Clara dos Anjos* e o romance inacabado

*Cemitério dos vivos*. O que mais os aproxima são os referidos temas do isolamento e da percibibilidade, e o que os distingue e confere uma posição própria na constelação é a modulação das relações entre conflito (ou sua ausência) no enredo e os procedimentos próprios à relação entre espaço e personagem de que lançam mão.

O capítulo III é aquele, portanto, que não apenas comprova a centralidade do Espaço na obra de Lima Barreto, como fornece, por meio da análise atenta de trechos das referidas obras, um continente diante, ou dentro, do qual é possível erguer-se o movimento teórico, generalizante, sobre a categoria Espaço na narrativa literária.

Seguem-se os três capítulos (IV, V e VI) que, conquanto sempre em diálogo com a obra barretiana, convocam outras tantas, brasileiras e estrangeiras, para propor a teoria do espaço que assegura a Osman Lins seu legado, já não exclusivamente como escritor, mas como teórico e crítico literário.

Aqui, o encontro entre os dois escritores leva, também, a um duplo legado: o da primeira – e até o momento, salvo engano, a única – teoria brasileira acerca de um dos fundamentos gerais da prosa de ficção. Osman Lins deixa aos estudos literários uma reflexão sobre o Espaço e uma ferramenta para sua análise. A distinção entre Espaço e Ambientação e a proposição de uma tipologia da Ambientação se fazem presente não apenas em teses, artigos, monografias, salas de aulas, mas também em livros voltados ao Espaço na literatura, como, e com destaque, *Teorias do espaço literário*, de Luís Alberto Brandão (2013), um compilado recente que reúne, com propriedade, uma gama variada e ampla das concepções e tratamentos dessa categoria na literatura. Lins é, portanto, referência incontornável, ao menos no Brasil.

Mas, se lhe é possível a proposição de uma teoria generalizante, isso se deve à imersão profunda numa especificidade. Se uma intensa afinidade e apreço aproxima Osman Lins da obra de Lima Barreto, é da frequência a

ela que nasce a perspectiva, o mirante que lhe permite tanto enxergá-la melhor, quanto enxergar para além dela. Desse modo, também pela perspectiva teórica que possibilitou e que a partir dela delineou, Osman Lins repõe a obra barretiana num lugar menos insular e fadado à perecibilidade que aquele que lhe parecia reservado, constituindo o outro dentre os dois legados mencionados.

Aprende-se, na tese de Osman Lins, a ler as aproximações possíveis entre Lima Barreto e Graciliano Ramos, e o Melville de *Bartebly, o Escrivão*, e Clarice Lispector, e Conrad, e Machado de Assis, e outros tantos e outras tantas autores e autoras. Aproximação que nem sempre se faz pela semelhança, mas que abre um leque até então quase ignorado dos diálogos possíveis entre o romance do autor e as diferentes tradições literárias, dentro e fora do Brasil.

Quanto a Machado de Assis, vale ressaltar, não se furta Osman Lins à polêmica comparação que domina parte da crítica, contrastando os dois autores negros no sentido de apontar superioridades. Já no prefácio, a tópica crítica é mencionada, em evidente inclinação mais favorável à obra barretiana. Observe-se, contudo, que não será na tese, senão em alguns artigos, que Lins trilhará mais extensa e intensamente o caminho dessa polêmica reiterada de tempos em tempos, e ainda hoje.<sup>3</sup>

Um juízo como o que segue talvez dê a dimensão da estatura que Osman Lins confere ao escritor:

Lima Barreto inaugura na ficção brasileira, sem dar-se conta disso, segundo tudo indica, o tema da incomunicabilidade, tão caro à arte contemporânea, surgindo como um antecipador, um anunciador do nosso tempo e das nossas criações. (LINS, 1976a, p.34).

---

<sup>3</sup> Destaque-se que é bem conhecida entre os estudiosos da obra de Osman Lins a manifesta preferência do autor por Lima Barreto quando a comparação com Machado de Assis é por ele abordada. Fundamenta-se ela na asserção de que Lima Barreto teria reconhecido “o desajuste radical entre o escritor e a sociedade, evidência que Machado de Assis procurou elidir e amenizar por todos os modos, fundando, inclusive, a Academia Brasileira de Letras [...]” (LINS, 1976b, p.11).

A tese-livro de Osman Lins faz, portanto, dois movimentos interligados: o que contextualiza a obra e o que a analisa com a pertinência necessária para chegar a uma tripla consolidação: a de uma revisão/redimensionamento do lugar da obra de Lima Barreto na literatura brasileira; a da proposição de uma interpretação dessa obra a partir de sua especificidade; a da consequente, criativa e informada apresentação de uma teoria do espaço na prosa de ficção, de modo geral.

Quem chegasse até a essa altura do livro-tese provavelmente se daria por satisfeito com o legado desse encontro entre os autores, e, se apreciador das catalogações e taxonomias, frequentemente estanques, encontraria o apaziguamento que um mundo ordenado, à feição da estabilidade de geômetra, pode eventualmente proporcionar. Não Osman Lins. Menos inclinado ao apaziguamento e a aplicações teóricas, o escritor, que a todo tempo frisa que no crítico há muito do ficcionista e do romancista que ele também é, vai mais adiante, e acrescenta um terceiro movimento que coloca em xeque os dois anteriores.

É ele próprio quem alerta para a especificidade de uma das obras de Lima Barreto que, se, nos seus termos, forma um acorde temático com as demais, compondo, como terceiro elemento, a constelação proposta com as *Recordações* e o *Policarpo Quaresma*, é também uma outra nota, que não apenas se singulariza no conjunto, mas que também perturba a aparente estabilidade da teoria do espaço por ele mesmo proposta.

O movimento é ousado, rompe com o encadeamento que leva da contextualização à análise do espaço, e suas múltiplas implicações, no conjunto dos romances, chegando à teoria do espaço que tão longa fortuna tem tido. Talvez fale mais alto o criador do que o crítico, que prefere o incerto à estagnação que sempre ronda o gesto crítico preso a pressupostos encerrados em si mesmos. Talvez o escritor faça do crítico e teórico o ser

movente e vivaz que nem sempre sobrevive na esfera acadêmica. E isto é a melhor atitude possível para Lima Barreto, cujo romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de 1919, recebeu de mais de um crítico a pecha de obra irrelevante, a mais mal-acabada dentre as suas – Lins, nesse sentido, confrontará diretamente o juízo negativo de Agripino Grieco.

Assim, se a leitura osmaniana reposiciona Lima Barreto no âmbito da literatura brasileira, ela opera da mesma forma internamente ao conjunto da obra do autor no que concerne ao vilipendiado romance de 1919.

*Gonzaga de Sá* é volta do parafuso na tese-livro de Osman Lins.

\*\*\*

Vida e Morte. Os termos que iniciam o título do romance nunca mereceram, salvo engano, o olhar sensível e detido que Osman Lins lhes dirigiu. Como se trata de uma falsa biografia, na qual o amanuense e biógrafo amador Augusto Machado dedica-se a narrar a trajetória de outro amanuense, mais velho e recém-falecido, Gonzaga de Sá, descendente de Estácio de Sá, é possível, e aliás frequente na obra barretiana, que a dupla Vida e Morte apareça no título. Ressoa o “Triste Fim” de seu antecessor.

Entretanto, Lins percebe já aí a ressonância da temática da perecibilidade e do insulamento, o que por si só se constitui num diferencial quanto ao modo como a crítica entendeu o título, focando mais no cacófato das iniciais do personagem, ou no patronímico ilustre Sá, do que no sutil deslizamento do lugar-comum das biografias para a nomeação de um tema persistente na obra de Lima Barreto.

Como bem o mostra o crítico-escritor, é a própria abertura do romance que dá a dimensão do que já se anuncia no título: a morte de Gonzaga ao abaixar-se para colher uma flor. A simplicidade e vacuidade do gesto; a completa falta de solenidade, elevação ou heroicidade, reveste a Morte do título de um caráter quase inócuo, em tom menor, que será o correlato de uma vida não menos desprovida de ação, realização, posteridade.

O autor prossegue em sua análise, que não será o objeto aqui. É o que essa análise carrega para a tese de Lins o que interessa neste artigo observar. Não só Osman Lins oferece uma análise-interpretativa que, sem desconhecer fragilidades, desvela o ponto mais alto do tratamento do tema que investigou ao longo da tese, adentrando todos os demais romances do autor – a saber, o tema do insulamento, desdobrado no da incomunicabilidade, da não-ação e da precibilidade – como também, ao fazê-lo, insufla dinamicidade, complexidade e flexibilidade à tipologia da ambientação que um leitor desavisado poderia ter tomado como espécie de gabarito aplicável, sem aresta, a todo e qualquer texto.

É, por fim, a singularidade da obra literária o que o escritor reafirma. Não apenas dessa obra de Lima Barreto, mas de qualquer obra que se inscreva, autenticamente, no terreno da literatura.

Retomando uma por uma as três modalidades de sua tipologia – ambientação franca, reflexa e dissimulada –, Osman Lins percebe que não se adequam inteiramente, e as vai descartando, sempre em contraste com sua pertinência e adequação na análise dos demais romances de Lima Barreto.

Edificar para em seguida demolir? Um Sísifo condenado a teorizar apenas para ver despencar sobre si aquilo que às custas de esforço erigiu?

De modo algum. É nesse passo da análise, em diálogo com a teoria nascida da própria investigação das demais obras de Lima Barreto, ou seja, na volta sobre os próprios passos, que Osman Lins vai mostrar a profunda – e vale repetir, singular – relação entre o tema central que nela se desvela e a criação e função do espaço.

[...] mencionamos, neste mesmo ensaio, um fator para nós de importância no estudo das obras literárias, notadamente quando se trata de obras muito pessoais: a complexidade, a sutileza e o inesperado das suas soluções, o que nos deve por de sobreaviso ante as classificações, forçosamente esquemáticas. *Elas nos são úteis, as classificações, como instrumento auxiliar e pode-*

*se dizer que cobrem os limites do provável; mas não abrangem o extenso horizonte do possível. Devemos precaver-nos contra o perigo de inverter os valores e transformar o texto em justificativa do instrumento, rigidez que conduz a uma limitação do ato de ler e que pode mesmo contribuir, por uma reação em cadeia, para o estiolamento da Literatura. (LINS, 1976a, p.126, grifo meu).*

No horizonte do possível, e na amplitude do ato de ler, é que o propositor da classificação legada, acolhida nos estudos literários brasileiros, encontra algo novo, e ainda não muito bem notado pela fortuna crítica, nesse romance de Lima Barreto: a transformação da busca do espaço em “matéria da ação” (Idem, p.128).

O “hiato da descrição (temática vazia)” modifica-se na “conversão do espaço em temática plena” (Idem). Em síntese, o romance da não-ação, o romance carente de aventura, aparentemente sem enredo, expressão aguda do tema do insulamento e da incomunicabilidade, ressoando reiteradamente a vacuidade, a percibilidade, é aquele que de modo inovador lida com espaço e que mais o revela como categoria central na obra de Lima Barreto, e a tese-livro que dele trata ao mesmo tempo propõe e supera, sem a destruir ou invalidar, a teoria que erige:

Diríamos então que nesse livro tão estranho aos padrões consagrados e onde o gênio do escritor, à força de recusar o que, mesmo nos mestres que amava [...] parecia-lhe já ameaçado de esclerose [...] repudia as heranças recebidas; a ambientação, apresentando-se na maior parte das vezes como franca, tende sempre – tingida que é pelo personagem-narrador – a refletir o modo como o observador contempla e sente o espaço; que, devido à própria concepção da obra, sem um enredo cuja interrupção fosse desejável evitar e onde as personagens, ilhadas, ocupam-se precisamente do espaço – buscam o espaço, transfiguram o espaço, comentam o espaço e nele veem símbolos –, faltam razão e oportunidade para a ambientação reflexa; e que

mesmo assim, visto como um todo, surge esse “doloroso monólogo a duas vozes”, na bela e exata definição de Paulo Rónai [prefácio da edição do romance pela editora Tecnoprint, 1970], como um extenso e variado caso de ambientação oblíqua: cruzam Machado e Gonzaga de Sá o romance, e o espaço parece continuamente nascer dos seus olhares atentos. (Idem, p.128-9).

Sendo a ambientação franca aquela mais afeita à descrição (não raro como interrupção da ação e narração, como “temática vazia”) e a ambientação oblíqua aquela que exige e depende da ação das personagens, nesse romance sem ação, em que praticamente nada acontece, em que dois homens isolados, ainda que pareçam quase que um só, deambulam pelo Rio de Janeiro, olhando-o no que é e no que já foi, numa “hipertrofia do olhar” (Idem, p.129), é realmente notável que, ao converter-se a procura da dupla pelo espaço em matéria mesma da ação, seja a ambientação oblíqua aquela que, de forma inusitada, se dará, em estrita conexão com os temas fundamentais dos romances de Lima Barreto, conforme a interpretação de Osman Lins.

Esse aprofundamento no texto refuta não apenas algumas críticas ocasionais de estudiosos da obra barretiana sobre um suposto predomínio da abordagem de caráter “formal”, quando não “formalista” *lato sensu*, separada, no livro-tese de Lins, do reconhecimento do projeto ético-político de Lima Barreto, mas também o possível reparo dos leitores, e de que ele próprio estava ciente, de que o perfil que oferecia tendia a destoar da imagem de escritor combativo amplamente associada ao escritor, conforme se viu em passagem anterior reproduzida neste artigo. Entretanto, é antes por essa análise fina e refinada do texto que, no mesmo gesto crítico, Osman Lins põe à prova o alcance e os limites da teoria proposta acerca do espaço e fornece acurada leitura interpretativa sobre uma formalização primorosa de uma matéria histórica complexa:

A projeção degradada, se assim podemos dizer, do contraste vida/morte, a mais próxima da nossa experiência ordinária, vai por fim manifestar-se no tema dual, também contrastante, da luta e da capitulação. [...] A estrutura social que o escritor conhece (*e a de hoje nos parece ainda mais drástica nesse sentido*) recusa um lugar para os delicados de alma. Apresenta-se então a seguinte alternativa: isolar-se de uma vez, ocupando na sociedade o lugar mais silencioso, exíguo e insignificante; ou tentar abrir os muros, invadir o meio onde o recusam e clamar – dentro ou fora dos muros – contra o absurdo do próprio isolamento e do isolamento dos outros. Luta ou capitulação. Gonzaga de Sá, figura associada à velhice, à decadência, ao pensamento estéril e à morte, capitula desde a juventude [...]. Augusto Machado, ao contrário, em quem se concentram a mocidade e a fé (embora exasperada) na sua própria força, situa-se na corrente da vida, e isso apesar dos acessos de desânimo [...]. Ele opta pelo combate.

A alternativa entre luta e rendição compreende certas condições sociais, uma realidade política e econômica, sobre a qual se projeta. (Idem, p.116-17, grifo meu)

Duas personagens, entretecidas no espaço, que, numa falsa biografia, respondem, como arte, à suposta intromissão indevida da experiência pessoal do escritor.<sup>4</sup> Ao modo de uma espiral que se amplia, o olhar, o

---

<sup>4</sup> E aqui, talvez não seja demais ouvir a voz da própria personagem Augusto Machado que, num momento de desânimo, contrasta seu ímpeto combativo e o eco da máxima que ressuma da existência de Gonzaga de Sá: “Desviei o olhar, alvejando-o por sobre uma rua em frente [...]. Olhando-a, pus-me a recordar que, ainda há dias, naquele longo sulco que se lhe abria pelo eixo em fora, homens sujos cavavam; e que, fizesse o sol mais ardente ou o aguaceiro mais temível, eles cavariam.../E eu ascendi a todas as injustiças da nossa vida; eu colhi num momento todos os males com que nos cobriam os conceitos e os preconceitos, as organizações e as disciplinas. Quis ali, em segundos, organizar a minha Revolução, erguer a minha Utopia [...]. Tão depressa me veio tal sonho, tão depressa ele se desfez. [...] Morto um preconceito ou uma superstição, nasciam outros. [...] Para mim, afinal, ficou-me a certeza de que sábio era não agir.” (BARRETO, 1956b, p.141-2). Lutar ou não-agir, espaço e insulamento. É ainda Augusto Machado quem diz: “Uma ilhota, com sua alta chaminé, não diminuía o largo campo de visão que o mar oferecia. Alonguei a vista por ele afora, deslizando pela superfície imensamente lisa. [...] E depois de um tão grande passeio, minha alma voltou a mim mesmo, certificando-me de que, aqui como naqueles lugares, era, ora a mais outra a menos. E me pus a pensar que sobre a convexidade livre do planeta que me fez, não tinha um lugar, um canto, uma ilha, onde pudesse viver plenamente, livremente. Olhei o mar de novo.” (Idem, p.130-1).

espaço, a não-ação, a variação do tema do insulamento que compreende a perecibilidade, talvez possam remeter, numa espécie de *Coda*, à epígrafe deste artigo, e, sob o signo da retificação, ao olhar atento de Osman Lins, que parece desafiar a aparentemente atávica inclinação dessas terras ao apagamento e ao esquecimento, permitindo que “traços das vidas e das almas que por elas têm passado” permaneçam.

\*\*\*

Se, como diz Osman Lins no prefácio, “Escrito depois, para ser lido antes”, não existe entre ele e Lima Barreto uma “identidade de processos” (LINS, 1976b, p.13), estando a semelhança mais no plano das atitudes, como “na consciência de uma oposição irreduzível entre o escritor e o poder; na tentativa de construir obra pessoal e identificada com o seu tempo” (p.13), e se, como também afirma, são “justamente as diferenças [que] concorreram para o meu [seu] interesse”, não deixa ele de ressaltar a admiração e o apreço que nutre para com sua obra.

Caberá a quem se dedica à obra literária de Osman Lins, com o mesmo afincamento e acurácia com que ele se dedicou à de Lima Barreto, dizer dos eventuais outros níveis e esferas nos quais, porventura, terão se fortalecido os laços desse encontro, deixando outros legados além desse tão frutífero para Lima, e para nós, os leitores que apreciamos a ambos e que, como eles, temos a mesma “paixão e [no] respeito pela Literatura” (p.13).

## Referências

BARRETO, A. H. de Lima. “O moleque”. In: \_\_\_\_\_. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.

\_\_\_\_\_. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956b.

BRANDÃO, L. A. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GENETTE, G. *Figures*. Paris: Seuil, 1996.

HOSSNE, A. S. “Brasil em Formação: ‘O Moleque’, de Lima Barreto”. In: BOSI, V. et al. (Org.) *Ficções: leitores e leituras*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976a.

\_\_\_\_\_. “Escrito depois, para ser lido antes”. In: \_\_\_\_\_. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976b.

**Andrea Saad Hossne** é professora livre-docente em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, com graduação em Letras (Português - Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade de São Paulo (1987), mestrado (1993) e doutorado (1999) em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Université Paris Nanterre (2018). É professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo desde 1998.